

# o jornal

Governo 'julgado' em Lisboa

## Culpados!



pág. 2 Miguel Cadilhe



Leonor Beza



Costa Freire

Os esboços  
de Siza  
Vieira  
para  
o novo  
Chiado

pág. 3

## Expulsão de Macedo não foi unânime

■ As razões  
da sentença

pág. 8



Fundação Cuidar o Futuro



Entrevista  
**Pintasilgo:**  
"Sampaio  
queria que eu  
continuasse"

pág. 7



Para a saúde e beleza dos seus cabelos

## Publicações Projornal

**Direcção de Edições**  
 Pedro Rafael dos Santos  
 e Carlos Cáceres Monteiro

**Direcção de Administração**  
 António Gomes da Costa,  
 Henrique Segurado Pavão, José  
 Silva Pinto e Manuel da Silva  
 Costa

**Secretário-Geral**  
 Manuel da Silva Costa

## o jornal

**Director**  
 José Silva Pinto

**Directores Adjuntos**  
 Pedro Rafael dos Santos  
 e Carlos Cáceres Monteiro

**Editor-Chefe**  
 Carneiro Jacinto

**Editores**  
 Edite Soeiro, Fernando Antunes,  
 José Rui Cunha e Pedro Vieira

**Grandes repórteres**  
 Fernando Assis Pacheco,  
 Fernando Dacosta, Ferreira  
 Fernandes e Joaquim Lobo

**Redacção:** Afonso Praça, Almeida  
 Martins, Ana Sá Lopes, Cláudia  
 Lobo, Daniel Ribeiro (Paris), Emília  
 Caetano, Filipe Luis, Francisco Va-  
 le, Germano Silva (Porto), Henrique  
 Monteiro, Herminio Santos, João  
 Garcia, Horácio Piriquito, José Carlos  
 de Vasconcelos, José Pedro  
 Castanheira, José Plácido Júnior,  
 Luísa Machado, Lurdes Feio, Nuno  
 Ribeiro, Pedro Garcia Rosado e Vi-  
 riato Teles.

**Departamento fotográfico:** Antó-  
 nio Xavier, João Ribeiro, Inácio  
 Ludgero e Joaquim Bizarro.

**Departamento Gráfico:** Anibal  
 Fernandes, António Martins, Carlos  
 Tavares, João Segurado e José  
 Pinto Nogueira.

**Colaboradores permanentes:**  
 Abílio Faria, Albertino Antunes, Al-  
 fredo Prado, Ana Pereira da Silva,  
 António Barreto, Augusto Abelaira,  
 Carlos Alberto Rodrigues, Carlos  
 Andrade, Carlos Vieira, Clara Pinto  
 Correia, Daniel Amaral, Dinis Sotomayor,  
 Eduardo Lourenço, Eurico  
 da Fonseca, Eurico Gonçalves,  
 Franco Caruso, Gabriel Correia, Il-  
 lido Barreto, Ilídio Rocha, João Abel  
 Manta, João Adelino Faria, João  
 Fonseca, João Grego Esteves,  
 Jorge Cruz, José A. Salvador, José  
 Cardoso Pires, José de Matos  
 Cruz, José Cruz, Lauro António,  
 Leonor Matias, Luís Salgado de  
 Matos, Miguel Souto, Manuel  
 Abreu, Manuel Abreu da Silva, Ma-  
 nuel Vilas Boas, Maria do Carmo  
 Caracol, Maria Filomena Mónica,  
 Natália Correia, Rui Pimentel e Vi-  
 tor Pavão dos Santos.

**Correspondentes:** Ferdinando  
 Mendes (Moçambique), Juan Fri-  
 suelos (Espanha), Paulo de Matos  
 (Bélgica), Cecília de Ardanaz (Itália  
 e Vaticano), Guilherme Ismael  
 (Grã-Bretanha), Margo Hammond  
 (EUA) e Moema Silva (Brasil).

**Documentação:** Maria João Leitão  
 Múrias e Maria João Beça Múrias.  
**Secretariado:** Cristina Cardoso,  
 Isabel Pires, Maria José Morato,  
 Maria Otília Peixoto, Paula Silva,  
 Sandra Silva, Teresa Rodrigues e  
 Teresa Matos.

**Departamento de Publicidade:**  
 António Gomes da Costa (Direcção),  
 Rui Leitão (Chefe de secção),  
 Maria Helena Sequeira (Coordena-  
 ção).

**Propriedade:** Publicações Projor-  
 nal, Ld.ª.

**Sede da Redacção e Administra-  
 ção:** Avenida da Liberdade, 232, 2.<sup>o</sup>  
 c. dt.º — 1298 LISBOA CODEX —  
 Telefones: 574520 / 574593 /  
 574643. Telex: 18386.

**Direcção de Administração e Ser-  
 viços Comerciais:** Rua Rodrigues  
 Sampaio, 52, 2.º, 1100 Lisboa —  
 Telefones: PPCA — 574744 /  
 540863 / 533761 / 535928.

**Serviços de Publicidade:** Telefones  
 574744 / 540863 / 533761 /  
 535928 / 536236 / 541663 / 525089.  
 Fax: 525068.

**Delegação no Porto:** Redacção —  
 Rua Formosa, 187, 1.º, 4000 Porto.  
 Telef. 384611. Publicidade — Telef.  
 320662 / 320970 / 320890. Telex:  
 20611.

**Composto na Intergráfica** — Publi-  
 cidade e Artes Gráficas, Limitada.  
 Rua Rodrigues Sampaio, 19-A —  
 1200 LISBOA — Telefones: 574520  
 / 574593 / 574643.

**Preço de venda nas Regiões Au-  
 tónomas:** Açores: 175\$00. Madei-  
 ra: 180\$00.

**Impressão:** Interpress (Gráfica)  
 (corpo principal) e Lisgráfica («O  
 Jornal Ilustrado»).

**Distribuição:** Interpress — Socie-  
 dade Distribuidora de Jornais e Re-  
 vistas, Lda.

**Exclusivos para Portugal:** «Cam-  
 bio 16» (Madrid), «Le Nouvel Ob-  
 servateur» (Paris), «Le Monde de  
 l'Education» (Paris), «The Washin-  
 gton Post / Los Angeles Times  
 News Service». Serviços das agên-  
 cias Lusa, DPA e Dias da Silva.

**Tiragem média em Março:**  
 64 400



## NOTÍCIAS

# Soares: discurso de Abril não será de 'bota abaixo'

*O exemplo de Eanes não será seguido, disse o Presidente da República a «O Jornal»*

**N**unca reporia os esque-  
 mas passados de que eu  
 próprio fui vítima — disse Má-  
 rio Soares a «O Jornal» quando  
 lhe perguntámos se confirma-  
 va a notícia de que, no próximo  
 dia 25 de Abril, faria um dis-  
 curso crítico em relação ao Go-  
 verno. O Presidente da Repú-

blica recordava as experiên-  
 cias por que passara enquanto  
 primeiro-ministro, sob a pre-  
 sidência do general Ramalho  
 Eanes, em 1984 e no ano se-  
 guinte. Já antes, quando Balse-  
 mão chefiava o Governo da  
 AD, o general Eanes aprovei-  
 tara as comemorações do Dia

da Liberdade para criticar o  
 Executivo.

Soares disse-se «surpreen-  
 dido» pela notícia da passada  
 sexta-feira, dada pelo «Inde-  
 pendente». O jornal afirmava  
 que o Presidente se preparava  
 «para fazer um discurso crítico

a proferir nas comemorações  
 do 25 de Abril» e que «as últi-  
 mas conversações entre Mário  
 Soares e Cavaco Silva subiram  
 de tom», tendo o Presidente da  
 República «aconselhado o pri-  
 meiro-ministro a fazer uma re-  
 modelação».

Durante a viagem a Itália,  
 Mário Soares recusou-se a co-  
 mentar, perante os jornalistas,  
 todos os aspectos que conside-  
 rou serem do exclusivo âmbito  
 do Governo, nomeadamente o  
 chamado caso Costa Freire.  
 J.G.



## Há corrupção no Governo? Lisboetas acreditam que sim

*Cadilhe, Beleza e Costa Freire são «culpados», Cavaco «sabia» e a Imprensa «cumpriu o seu papel», diz a maioria dos lisboetas*

**A** maioria dos lisboetas  
 acredita na existência de  
 corrupção no Governo e admi-  
 te que Cavaco Silva conhecia o  
 envolvimento de membros do  
 Executivo nesses casos, con-  
 forme se pode concluir de uma  
 sondagem «O Jornal»/Plurites-  
 te realizada na Grande Lisboa.  
 Miguel Cadilhe, Leonor Be-  
 leza e Costa Freire são os polí-  
 ticos que os entrevistados «acu-  
 saram» de corrupção. Os nú-  
 meros são, por sua vez, signifi-  
 cativos: Cadilhe não actuou  
 bem no «caso Amoreiras» para  
 68,5 por cento das pessoas, en-  
 quanto só 14,5 por cento o de-  
 fendem e 17,5 por cento admi-  
 tem não saber.

Beleza não está inocente no  
 «caso Costa Freire» para 47  
 por cento dos lisboetas, havendo  
 26 por cento que a ilibam e  
 27,5 por cento que não sabem.  
 Por último, Costa Freire é cul-  
 pado de corrupção na opinião  
 de 48 por cento dos lisboetas,  
 resumindo-se somente a 10 por  
 cento os que desmentem a acu-  
 sação, apesar de 42,5 por cento  
 afirmarem que não sabem.

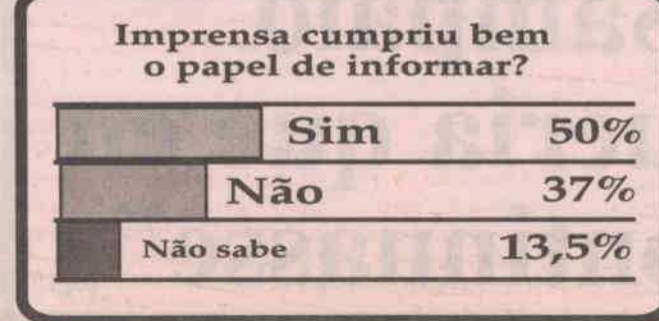
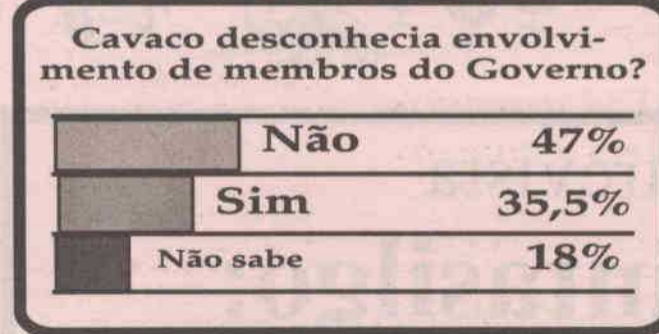
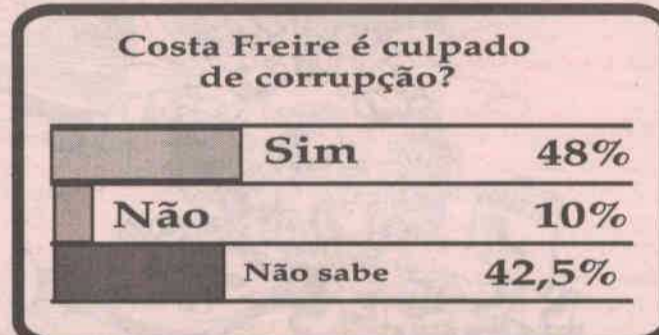
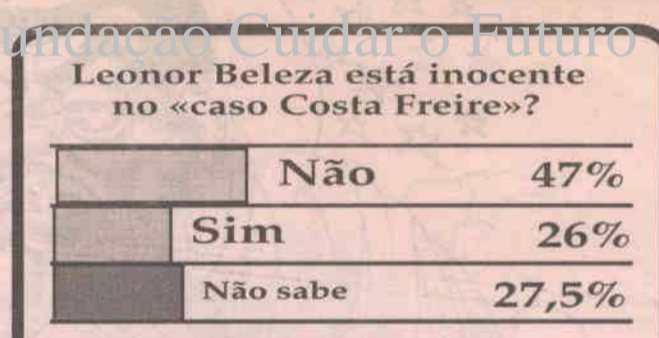
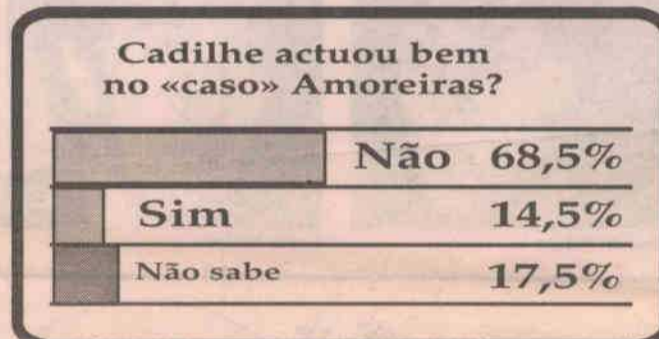
Por outro lado, 47 por cento  
 dos entrevistados não credita-  
 m que Cavaco Silva desconhecesse o envolvimento de  
 membros do Executivo em ca-  
 sos de corrupção. O primeiro-  
 ministro só conseguiu con-  
 vencer a sua «ignorância» 35,5  
 por cento das pessoas, enquan-  
 to 18 por cento admite não sa-  
 ber.

A pergunta sobre o desem-  
 penho dos órgãos de Informa-  
 ção nestes «casos» (Amoreiras  
 e Costa Freire), a maioria (50  
 por cento) também declara que  
 os jornalistas cumpriram bem  
 o seu papel de informar. O de-  
 sempenho da Imprensa foi ne-  
 gativo para 37 por cento, e 13,5  
 por cento disseram que não sa-  
 bem.

**47 por cento dizem:**

**«Cavaco sabia»**

Os resultados da sondagem  
 no que diz respeito ao eventual  
 desconhecimento do primeiro-  
 ministro sobre os casos de cor-  
 rupção no Governo mostram  
 que «Cavaco sabia», sobretu-  
 do, na opinião do sexo mascu-  
 lino (58,5 por cento), da classe  
 baixa (65,5 por cento), inacti-



vos (54,5 por cento) e classe  
 média (49 por cento), com ida-  
 des entre os 25 e os 34 anos (54  
 por cento) e menores de 24  
 anos (50 por cento) — embora,  
 também, as faixas etárias 35-  
 44 anos (47,5 por cento) e 45-  
 54 (47 por cento) tenham rejei-  
 tado a hipótese de desconheci-  
 mento de Cavaco.

O primeiro-ministro é «ili-  
 bado», sobretudo, pelas mu-  
 lheres (41,5 por cento), domés-  
 ticas (50,5 por cento) e da clase  
 alta (46,5 por cento), com  
 mais de 55 anos (43,5 por cen-  
 to) ou menores de 24 anos (39,5  
 por cento), que votaram PSD  
 (69,5 por cento) ou CDS (57  
 por cento).

Os entrevistados que «con-  
 denaram» Miguel Cadilhe no  
 «caso Amoreiras» foram, sob-  
 retudo, do sexo masculino (72  
 por cento), da classe baixa (80  
 por cento), média (74 por cen-  
 to) e inactivos (65,5 por cen-  
 to), com idades compreendi-  
 das entre os 35 e os 44 anos (79  
 por cento) e entre os 25 e os 34  
 anos (78 por cento), e que vo-  
 taram anteriormente CDU  
 (97,5 por cento), PRD (93,5  
 por cento) e PS (92,5 por cen-  
 to).

Curiosamente, 50 por cento  
 dos lisboetas da classe alta tam-  
 bém criticaram o ministro das  
 Finanças neste «caso». Cadi-  
 lhe «actuou bem», sobretudo,  
 na opinião das mulheres (15,5  
 por cento), da classe alta (31,5  
 por cento) ou domésticas (23,5  
 por cento), entre os 45 e os 54  
 anos (21,5 por cento) e que vo-  
 taram CDS (35,5 por cento) ou  
 PSD (31 por cento).

Leonor Beleza, por sua vez,  
 «não está inocente» no «caso  
 Costa Freire», fundamental-  
 mente, para o sexo masculino  
 (55,5 por cento), e pessoas  
 oriundas da classe baixa (69  
 por cento) e média (49 por cen-  
 to), entre os 25 e os 34 anos (59  
 por cento) e 35 a 44 anos (53,5  
 por cento), votantes da CDU  
 (94,5 por cento), PRD (80 por  
 cento) e PS (72 por cento). A  
 ministra da Beleza foi ilibada,  
 sobretudo, pelo sexo feminino  
 (28 por cento), classe alta (42,5  
 por cento) e domésticas (37,5  
 por cento), com mais de 55  
 anos (32 por cento) e que vota-  
 ram PSD (53,5 por cento) e  
 CDS (43 por cento).

O ex-secretário de Estado,  
 Costa Freire, é acusado de cor-

rupção, designadamente, pe-  
 los homens (56 por cento), das  
 classes baixa, média e alta (61,  
 50 e 48 por cento, respectiva-  
 mente), com idades compreendi-  
 das entre os 25 e os 34 anos  
 (52,5 por cento), 35-44 anos  
 (51,5 por cento) e 45-54 anos  
 (49 por cento), votantes da  
 CDU (81 por cento), PRD (73,5  
 por cento) e PS (64,5 por cen-  
 to). Contudo, 57 por cento dos  
 eleitores do CDS e 36 por cen-  
 to dos do PSD também «con-  
 denaram» Costa Freire.

Este ex-membro do Gover-  
 no é «poupado» pelas mu-  
 lheres (11 por cento), domésticas  
 (14,5 por cento) e da classe al-  
 ta (13 por cento), com mais de  
 55 anos (17 por cento) ou me-  
 nos de 24 anos (16 por cento),  
 e que votaram PSD (16 por  
 cento).

Por último, os jornalistas  
 «cumpriram» o seu papel para  
 ambos os sexos e pessoas inacti-  
 vas (58 por cento), da classe  
 baixa (53,5 por cento) e média  
 (50 por cento), entre os 35 e os  
 44 anos (56 por cento) ou com  
 menos de 24 anos (55,5 por cen-  
 to), que votaram PRD (66,5  
 por cento), CDS (64,5 por cen-  
 to) e CDU (48,5 por cento).  
 Note-se, todavia, que os  
 apoiantes dos órgãos de Infor-  
 mação que admitiram votar PS  
 e PSD tiveram percentagens  
 muito semelhantes (48 e 47  
 por cento), e que só a classe al-  
 ta (52 por cento), com mais de  
 55 anos (43,5 por cento) vota-  
 ram maioritariamente «contra»  
 o papel da Imprensa.

### Ficha técnica

A amostra é constituída por  
 400 entrevistas pessoais e di-  
 rectas realizadas na Grande  
 Lisboa. A selecção dos entre-  
 vistados é feita por quotas de  
 sexos e profissões. O trabalho  
 de campo foi executado por  
 uma equipa de 12 entrevista-  
 dores directamente supervi-  
 sionados no local e decorreu  
 entre os dias 27 de Março e 7  
 de Abril de 1989.

Para o total da amostra, o  
 grau de confiança desta son-  
 dagem é de 95 por cento, e a  
 margem de erro é de mais ou  
 menos cinco por cento. A in-  
 terpretação dos resultados é  
 da exclusiva responsabilidade  
 de «O Jornal».

## O novo cerco de São Bento

Freitas do Amaral e Alberto João Jardim foram os dois «heróis da semana».

O presidente do CDS conseguiu, na entrevista à RTP, um inesperado e importante relançamento político, após a «má sorte» que o tem acompanhado nos últimos anos. O «cerco» a Cavaco ficou, assim, completamente fechado com a intervenção mais enérgica do CDS e do seu presidente. A verdade é que os reparos ao Governo tiveram um impacto na opinião pública só explicável pela grande sensibilização já existente: o terreno está lavrado para que as sementes das críticas amadureçam rapidamente. A política portuguesa do pós-25 de Abril tem sido fértil em surpresas: vacilam líderes que pareciam firmes (Cavaco

CÁCERES MONTEIRO

PERSPECTIVA

Silva e antes Eanes) e regressam outros que se julgava em decadência (esse pode ser o caso de Freitas do Amaral, como já foi o de Sá Carneiro e Mário Soares).

Alberto João Jardim assumiu-se, até ao momento, como a única figura destacada do PSD que teve a ousadia de criticar a expulsão de Carlos Macedo do partido, apesar de não ser daqueles sociais-democratas que mais próximos se encontravam politicamente do ex-ministro da Saúde de Francisco Balsemão. É certo que Alberto João Jardim goza de um natural estado de excepção: ele não depende do primeiro-ministro quanto a nomeações ou manutenção em cargos e, por outro lado, ganhou um espaço de independência que lhe serve para ser a única voz corajosa em situações como esta. Há, em verdade, o «telhado de vidro» do desequilíbrio orçamental da Madeira, mas não é, evidentemente, por uma questão destas que tal problema se levantará. Alberto João Jardim já mostrara, anteriormente, sinais de inconformismo quanto ao que se passa, falando até na necessidade de uma remodelação.

A verdade é que as semanas passam e o clima de acusações em relação ao Executivo de Cavaco Silva não desaparece, sendo o mais espantoso que o Governo evidencia pensar que a melhor resposta aos ataques da Oposição é o combate «corpo a corpo», a algararra ou o recurso a ameaças de processos em tribunal, quando o único caminho seria demonstrar que apesar da tempestade continua a navegar; ou seja, o que teria a fazer é mostrar que governa, tomando medidas de impacto popular. A melhor defesa nem sempre é o ataque.

# Lourdes Pintasilgo: 'Socialistas não abrem aos independentes de esquerda'

Jorge Sampaio insistiu para que Lourdes Pintasilgo aceitasse recandidatar-se ao Parlamento Europeu. Ela aceitou. Depois a Comissão Política do PS derrotou o secretário-geral...

Daniel Ribeiro

«O Jornal» — Como encara o facto de o seu nome não ter sido aceite na lista socialista para o Parlamento Europeu?

Lourdes Pintasilgo — Para mim trata-se de um problema político, e pode sintetizar-se deste modo: no momento em que em toda a Europa se tenta encontrar uma fórmula socialista de abertura, em Portugal os socialistas não fazem isso, não abrindo aos independentes, e nomeadamente aos chamados independentes de esquerda. O meu sentimento em relação a esta não abertura do PS português é de uma certa preocupação.

P. — Quem lhe comunicou a decisão do PS? Foi Jorge Sampaio que lhe disse que não figuraria na lista?

R. — Com certeza... O meu diálogo com o PS passou-se sempre directamente com o secretário-geral do partido.

P. — Como se passaram as negociações?

R. — Desde muito cedo manifestei ao secretário-geral do PS, Vítor Constâncio, e depois a Jorge Sampaio, de que não estaria disponível para ter um papel cimeiro numa lista do PS. Depois de muito ponderar, a 28 de Fevereiro, escrevi uma carta a Jorge Sampaio falando da minha visão da Europa e pondo as condições da minha possível disponibilidade. As condições que punha sintetizam-se essencialmente nisto: a minha participação não podia deixar de ter em linha de conta a minha história, e, sobretudo, não podia ser objecto de compromissos nem da aceitação de um papel subalterno e menor para Portugal e para as mulheres e os homens que o representam no Parlamento Europeu. A minha decisão inclinava-se para não participar mas, perante a insistência do secretário-geral do PS e do secretariado, e pelo respeito que me merece a direcção do PS, acabei por dizer que aceitava. A decisão da Comissão Política, logo a seguir, acabou por confirmar que as minhas reticências tinham razão: estão presentes neste caso duas formas diferentes de ver a Europa e Portugal na Europa, e tomo nota disso.

P. — Alguns membros do PS acusam-na de não pagar a sua contribuição ao partido.

R. — Não tenho que me defender face a acusações que decorrem do desconhecimento das condições em que me foi feito o convite em 87 pelo secretário-geral e com o dr. Galvão Teles, que era o membro do PS que estava a negociar as listas.

P. — Outros acusam-na também de não ter feito gran-



Fundação Cuidar o Futuro

Lourdes Pintasilgo  
«Não faço ofensa à Comissão Política do PS»

de coisa em Estrasburgo...

R. — Quanto a isso era bom que os portugueses pudessem ter acesso por um lado aos relatos das sessões que estão na mão dos deputados e das direcções dos partidos, e são aliás públicos, e por outro lado às folhas de avaliação de cada um dos deputados feitos de forma imparcial pelos nossos «controladores» dentro do grupo socialista europeu.

P. — Diz-se também que tinha más relações com outros membros socialistas do Parlamento Europeu, nomeadamente com Luís Filipe Madeira.

R. — Seria uma ofensa enorme a um partido se pensasse que uma decisão política do alcance que esta tem fosse tomada em função de simpatias ou antipatias. Não faço essa ofensa à Comissão Política do Partido Socialista.

## Criados de famílias ricas

P. — Acha que Portugal se está a preparar bem para a inserção plena na CEE a partir de 1993?

R. — Não. A posição que de um modo geral tem sido tomada é ainda de adesão, não é de integração. Os responsáveis políticos portugueses têm tomado sobretudo uma posição de pedir benesses à CEE. A minha posição é completamente oposta: desde que Portugal

se integrou na CEE é um membro de pleno direito e deve estar na Europa sem prestar vassalagem a outros estados dentro da Comunidade, como continua a prestar.

Portugal deve assumir-se no seu todo, realizando-se em relação a si próprio, na CEE.

P. — Está portanto apreensiva em relação ao Mercado Único de 92?

R. — Eu costume dizer que 92 já está a decorrer, e em Portugal pouco se dá por isso, talvez quem o sinta sejam sobretudo os industriais. Eu receio algumas coisas: uma é que, afinal, o que se está a construir é um grande mercado liberal, uma grande possibilidade de circulação de serviços, de bens, de capitais e, esperamos, de pessoas. Ora não há ainda, no espaço europeu, à medida que estão caindo as barreiras nestes domínios, aquilo que o mercado também requer, que é o seu constante correctivo social. Paralelamente ao plano económico tem que se construir uma Europa social que tenha em linha de conta as condições em que as pessoas vivem, todos os problemas do quotidiano. E esta questão da Europa social não tem de facto tido um papel de relevo na construção na construção europeia. Sem uma afirmação muito firme e clara de que é necessário também o espaço social europeu nós corremos o risco, e será essa a consequência para nós, de ficarmos os criados bem

tratados de famílias ricas.

## Portugal tem de acordar

P. — Qual vai ser a partir de agora o seu futuro político?

R. — É uma questão interessante. Eu continuo a ser a pessoa que diz, cada vez com mais convicção, que a «política profissional», sozinha, não pode resolver os problemas. Penso que os discursos políticos se devem renovar, tendo uma grande atenção à vida e às pessoas. Portanto, se estou numa função electiva como estive estes dois anos no Parlamento Europeu, muito bem, faço o máximo que posso; se não estou numa função dessas, estou noutras actividades que têm elas todas um coeficiente político — não é por acaso que em vários momentos da minha história política afirmei que a política é de todos, e é de todos os dias. Portanto, não é para mim indispensável ter uma função electiva para de algum modo transmitir a minha visão das coisas.

Por outro lado, estou empenhada internacionalmente em vários grupos que penso serem uma forma indispensável de acção política no plano internacional. Depois do fim do meu mandato no Parlamento Europeu dedicarei mais tempo sobretudo a um organismo que tem tido de facto muita influên-

cia, embora discreta, que é o Conselho de Interação de ex-Chefes de Governo, do qual sou vice-presidente, e cujo presidente executivo é o ex-chanceler Helmut Schmidt.

P. — Podemos dizer que vamos ter de novo a eng. Lourdes Pintasilgo a «remar contra a maré dos políticos» profissionais em Portugal?

R. — Remar contra maré não é tanto, porque há sem dúvida um grande número de pessoas, que estão em vários domínios de actividade, que partilham das mesmas ideias que eu. Mas temos que reconhecer que em Portugal temos uma sociedade bloqueada.

P. — Como vê esta sucessão de escândalos em Portugal?

R. — Parece-me um dos sinais desse bloqueio da sociedade, porque numa democracia que funcione não apenas formalmente toda a corrupção é denunciada, punida e sancionada, sendo os lugares públicos libertos daqueles por quem a corrupção entrou. Por isso me parece que um País que aceita que tudo continue na mesma precisa de acordar, de dizer que as coisas não vão bem. De resto, isto é cíclico: há um profeta na Bíblia que diz a certa altura mais ou menos isto: «os reis dizem, os governantes dizem que tudo vai bem, mas nós devemos dizer a certa altura — nada vai bem».



# Carlos Macedo: "Cavaco? Se fosse PR, demitia-o!"

*O PSD está doente, diz o proscrito. Passou da neurose à necrose. Mas o seu fundador acredita na regeneração*

Nuno Ribeiro

Se fosse Presidente da República demitia Cavaco, obviamente com todos os cuidados para não provocar instabilidade no país. O professor Cavaco Silva é um factor de desestabilização, não é um democrata é um autocrata: está zangado com o país, com todos os sectores socio-profissionais, com os fazedores de opinião; não conseguiu elaborar uma lei estrutural, está a conduzir o país, sem respostas, para 1992». Quem o diz é Carlos Macedo, fundador do PSD, deputado tornado independente, médico neurologista.

«Ao fim de dois anos de governação autocrática, as pessoas perceberam que os problemas principais não são resolvidos, e há uma contaminação do ambiente de diálogo e tolerância a que o país é sensível», diz a «O Jornal», sentado no bar da Assembleia da República, a meio da tarde da passada terça-feira.

Momentos antes, num encontro de dez minutos, Carlos Macedo tinha entregue, ao presidente da Assembleia, uma curta carta de três parágrafos, ditada a uma das secretárias do grupo parlamentar laranja, pedindo a sua passagem a deputado independente.



Macedo com a filha Vera, em casa. Manhã de 11 de Abril foi agitada

Terminava assim o primeiro dia do proscrito de Cavaco.

## «Fato da primeira comunhão»

Paradoxalmente, o dia tinha começado na noite da véspera, segunda-feira, quando a imprensa revelou o resultado do inquérito disciplinar instaurado a Carlos Macedo motivado por declarações contra a política de Saúde do Governo.

Um corropio de chamadas telefónicas levou-o a preparar, ainda naquela noite, uma cábula de resposta. Numa pequena folha, escrita a tinta negra, alinhavam-se os argumentos, repetidos até à exaustão no dia a seguir.

Três pontos-chave constituem a resposta, focando a intolerância comparável à do fascismo, à existência de democracia no interior do PSD, e a falta de capacidade de liderança de Cavaco.

Na manhã de terça-feira, 11 de Abril, o fundador do partido, militante nº 6 do PSD, guindado a vários cargos — de secretário de Estado a ministro —, enviado de Sá Carneiro a Savimbi, animador do sonho da direita com a AD, aguardava a carta de expulsão.

Na sala de sua casa recebe «O Jornal» com humor. Vestindo um «príncipe de Gales», ironiza: «Parece que estou com o fato da primeira comunhão».

A conversa é bastas vezes travada pelo toque do telefone. São amigos, companheiros de partido de todas as horas — os

«cristãos-velhos, não os novos que agora há» —, vozes que interrogam e se questionam.

## «Não voto no PSD»

Telegramas também os há. Mas Macedo não confunde afecto solidário com dissidência assumida: «Politicamente estou sozinho».

Às 11 e 40 o carteiro nem chega a bater. O sobrescrito com o logotipo laranja, registado nos Correios da Lapa com o nº 04147, traz a notícia há muito esperada. São 10 páginas fotocopiadas de um acórdão do Conselho de Jurisdição Nacional, uma de apresentação e «saudações sociais-democratas», com a data de 8 de Abril. «Não quiseram divulgar a expulsão antes, por causa do Conselho Nacional de sábado», diz, conhecendo os meandros e as fintas da política «laranja».

Lê e relê a cábula, repete vezes sem conta, ao telefone, a

jornalistas e amigos os seus argumentos, diz que o futuro é ser deputado independente, como se lhe bastasse o período de antes da ordem do dia e o tempo a negociar com a oposição. Não acredito. Pergunto-lhe em quem vai votar para o Parlamento Europeu. «Não vou votar no PSD; não voto na mentira», responde.

## «Estou consigo»

Ao almoço, com um diplomata de uma embaixada ocidental surpreendido com a expulsão, Carlos Macedo está tranquilo. Joga em casa, na habitual mesa de canto do Rex, ao Chiado. Amigos cumprimentam-no, traduzem simpatia. Pires de Miranda e Azevedo Soares acenam-lhe.

«O PSD está suficientemente encurralado a nível decisivo para eu prever uma reacção», diz. «É uma agência de empregos, uma União Nacional medíocre», desabafa.

Lembra 75, quando diz que, agora, o lema é «Força, força, camarada Cavaco», adiantando que a ideia inicial do líder do PSD era a repressão. Como se chegou à expulsão, não sabe ou não quer dizer.

Fala do passado. Dos três dias na prisão de Caxias, em 1962, e no interrogatório de oito horas, ali ao lado, na António Maria Cardoso, em 1971: «O inspector Azevedo, da Pide, perguntava-me como sendo católico era marxista, e eu até era monárquico».

O crime de delito de opinião repugna-lhe. Lembra um recente almoço de curso com Isabel do Carmo, Silva Graça e Eurico de Figueiredo. O extra-parlamentarismo, a «perestroika», o socialismo democrático e o seu liberalismo assumido conviveram. «É uma geração que teve em relação à democracia e à guerra colonial um conceito correcto; aquela guerra dividiu o país, estabele-

cia a fronteira entre democratas e não democratas».

O caminho para São Bento traz-nos uma surpresa. «Senhor doutor, estou consigo», diz uma mulher que bate freneticamente no vidro do carro. «Sou a Margarida Coelho, da distrital do Porto, estou consigo, carago».

## «Sou antipoder»

«O PSD é o Benfica, tem uma grande capacidade de regeneração», confia. Mas deste, diz que está cansado: «É um partido doente, passou da fase da neurose à da necrose, mas o passo seguinte vai ser a cura».

Na Assembleia recebe abraços de colegas de bancada: Ângelo Correia é veemente na saudação, mas silencioso nas palavras. Dinah Alhandra fala. Manuela Aguiar também. Raul Marinho idem. Um deputado por Bragança cumprimenta-o. Outro parlamentar laranja, também médico, saúda-o.

Da oposição, que ganhou bônus de uma dissidência numa maioria sem cor, surgem esperados sinais de simpatia. João Cravinho, Natália Correia, Manuel Alegre, Raul Rego...

«Sempre fui um mal comportado», acentua Carlos Macedo: «Foi por isso que o Francisco (Sá Carneiro) gostou de mim. Esta é a diferença entre a direita democrática e a autocrática — a democrática sempre foi mal comportada».

Lembro-lhe que se tem demitido com frequência. Concorda, e explica: «Sinto-me mal em cargos, sou um homem do antipoder, sobretudo quando ele pretende ser totalitário».

Mas o tema obsessivo do neurologista é o do filho, o partido, que o renega, o expulsa. «Este PSD não tem nada a ver comigo. Esta não é a minha linha cromossómica, e a degeneração não é minha, é deles».

## CONVITE

Um encontro  
com  
o Design Moderno

## JOSEP LLUSCÀ

expõe  
peças e mobiliário  
na Dimensão Móveis  
Pç. de Alvalade Lisboa

Design  
Forma e Função  
até 20 de Abril

## Expulsão não foi unânime

A decisão de expulsar Carlos Macedo do partido que, há 15 anos, ajudou a fundar, não foi decidida por unanimidade pelo Conselho de Jurisdição Nacional do PSD. Segundo o acórdão daquele órgão, a que «O Jornal» teve acesso, José Maria Gaspar votou vencido, preferindo a pena de suspensão por dois anos. De acordo com aquele dirigente social-democrata, Carlos Macedo criticou a política do Ministério da Saúde e não a do PSD.

O acórdão sustenta que o comportamento do «arguido é grave» pois, «para além de livre e consciente, foi, confessadamente premeditado», referindo que «na vida interna dos partidos políticos existe sempre o inevitável conflito entre a liberdade individual e a submissão livremente consentida» às decisões de quem «é competente para as proferir e impor». Razão pela qual, sublinha o Conselho de Jurisdição Nacional social-democrata, é natural que o facto de ser militante de um partido político implique «limitações à liberdade de agir e exprimir-se».

O dever de guardar sigilo sobre o que se passa no interior dos órgãos do PSD e o de reforçar a coesão interna são outros pontos dos estatutos invocados no acórdão. «Um partido político, a não ser internamente, não é, propriamente, um «speaker's corner», acentua.

A estes argumentos, outros, de natureza subjectiva, são



A leitura da carta esperada. Dez páginas e uma expulsão

acrescentados. «É sabido como por vezes, é gratificante e compensador, em termos pessoais e até de opinião pública, emparceirar com o adversário», prossegue o acórdão. «Quem não entende isso são os milhares de militantes perplexos que legitimamente se interrogam se é para isso que andam anos a fio e tantas vezes remando contra a sua própria maré, a dar a cara ao manifesto», sublinha o texto. N.R.



# Concursos para todos os gostos

*O programa Cultura e Desenvolvimento do Ministério da Juventude é apoiado por Helena Vaz da Silva, Jorge Barreto Xavier, Luís Francisco Rebelo e Nuno Teotónio Pereira*

O Centro Nacional de Cultura, a Sociedade Portuguesa de Autores, a Associação de Arquitectos Portugueses e o Clube Português de Artes e Ideias estão a apoiar o programa Cultura e Desenvolvimento, da iniciativa do Ministério da Juventude.

Deste programa fazem parte, além de colóquios e conferências, quatro concursos. Os prémios vão de 50 a 500 mil escudos. Responsáveis daquelas instituições — Helena Vaz da Silva, Luís Francisco Rebelo, Nuno Teotónio Pereira e Jorge Barreto Xavier estão pessoalmente empenhados no sucesso da iniciativa.

«Banda Desenhada — Navegadores Portugueses» é um deles. Destina-se a profissionais de artes gráficas e de banda desenhada — dos mais diferentes estilos e escolas.

Englobando a poesia e a ficção em prosa, o concurso Literatura e Desenvolvimento, tem como meta principal a promoção de jovens escritores inéditos.

Os finalistas ou formandos por cursos de arquitectura portugueses poderão participar de O Tempo da Arquitectura, concurso esse que divide-se em três temas: projecto, recuperação, adaptação ou transformação em edifícios ou conjuntos de interesse histórico-arquitectónico; trabalhos no campo da investigação, elaborados em forma de monografia e ensino descritivo ou analítico da arquitectura e do equipamento urbano.

Inserido no programa da UNESCO, Década Mundial do Desenvolvimento, o último dos quatro concursos é Cultura e Desenvolvimento — Encontro de Jovens, que irá desenvolver-se em 12 áreas. Entre elas, música, cinema, Imprensa, artes plásticas e fotografia.

Todas as informações a respeito deste programa bem como dos regulamentos para cada categoria podem ser obtidos nos Serviços Regionais do Instituto da Juventude ou no Centro Nacional de Informação para a Juventude (Avenida da Liberdade, 194 — 1100 Lisboa Codex. Telefones: 523593 e 523936)

# “Grandes querem campeonato da CEE”

*Benfica já foi sondado pelo Real Madrid, com vista ao Europeu de clubes, em futebol*

«Aqui não se ganha para o petróleo», disse a «O Jornal» o presidente do Benfica, João Santos, declarando-se «muito interessado» na realização de um campeonato europeu de clubes. «Os jogos não seriam a eliminar, mas sim disputados por pontos, a duas mãos», acrescentou.

Tal torneio seria disputado, apenas, pelos principais clubes dos países da CEE e, em Portugal, também o FC do Porto e o Sporting se mostram interessados em participar.

«Da forma como o nosso campeonato está organizado, um clube como o Benfica perde muito dinheiro, visto que temos tido uma assistência média de 25 a 27 mil espectadores por jogo, o que, para nós, é muito pouco», declarou-nos João Santos, que acrescentou:

«A organização de um campeonato da CEE teria de passar por uma reestruturação do nos-

so próprio campeonato. E todas as federações europeias têm que repensar os problemas.»

Vários dos principais clubes europeus apostam, já, na realização da nova prova europeia. O Benfica já foi, inclusivamente, sondado pelo Real Madrid, nesse sentido.

A procura de mais e maiores receitas é o motor deste interesse dos clubes. No entanto, a organização de uma prova deste género poderá colocar em risco, também em termos de receitas, a própria sobrevivência dos campeonatos nacionais. É por isso que, no entender de João Santos, «o nosso campeonato tem que levar uma grande volta. É demasiado longo e o interesse competitivo está a diluir-se.»

Com efeito, caso a ideia vá para a frente, o campeonato português de 20 clubes (ou mesmo 18 ou 16) terá, forçosamente, os dias contados. É que,



João Santos  
«Não se ganha para o petróleo»

um interesse comparável aos actuais campeonatos distritais da nossa praça...

Outros interesses financeiros, ligados, por exemplo, aos contratos de publicidade e às transmissões televisivas (um dos mais célebres «patrões» de TV europeus, o italiano Berlusconi, é o dono do Milan, campeão italiano e candidato ao título europeu deste ano) contribuem para que o mundo do futebol, cada vez mais empresarial, comece a procurar novas formas de fazer milhões.

O ano de 1992 e a integração europeia serão, talvez, a base do primeiro campeonato europeu de clubes. Em causa poderá estar o interesse competitivo das actuais taças europeias a eliminar, nomeadamente a dos Campeões. O facto, porém, do possível campeonato se restringir aos clubes das Comunidades, deixando de fora os países de Leste, para além de uma Suécia e de uma Suíça, que fazem sempre falta à competição, poderá suscitar protestos e algumas lutas de bastidores, no seio da UEFA e até da FIFA...

F. L.

IPE - Investimentos e Participações do Estado, SA

Fundação Cuidar o Futuro



Centro de Informação, Formação e Aperfeiçoamento em Gestão

CURSO

## «A GESTÃO FINANCEIRA E O DESENVOLVIMENTO DA EMPRESA» (8.ª EDIÇÃO)

### OBJECTIVOS

Consideramos como principais objectivos deste curso:

1. Proporcionar ao gestor financeiro uma metodologia de diagnóstico da situação económico-financeira da empresa;
2. Divulgar métodos, técnicas e instrumentos no âmbito da gestão financeira, e avaliar as principais fontes de financiamento;
3. Incentivar o uso da micro-informática na gestão financeira;
4. Desenvolver metodologia prática para avaliação de empresas, quer para o seu redimensionamento, quer em aquisições e cessões.

### DESTINATÁRIOS

- Administradores do peiouro financeiro;
- Directores financeiros;
- Técnicos e analistas financeiros;
- Revisores oficiais de contas;
- Directores gerais.

### FORMADORES

O curso é coordenado por José Azevedo Rodrigues, contando com a participação de João Neves, Lopes dos Santos, Pedro Inácio, formadores permanentes do CIFAG, Herwig Langohr, professor de finanças no INSEAD e outros especialistas do mundo empresarial e universitário.

### PROGRAMA

- Módulo 1 - 15 a 17 Maio: Análise Financeira
- Módulo 2 - 22 a 24 Maio: Gestão de Tesouraria
- Módulo 3 - 29 a 31 Maio: Análise das Decisões de Investimento
- Módulo 4 - 05 a 07 Junho: Interações entre Decisões de Investimento e de Financiamento
- Módulo 5 - 14 a 16 Junho: Mercado de Capitais
- Módulo 6 - 21 a 23 Junho: Avaliação de Empresas - Fusões e Aquisições

### LOCAL E HORÁRIO

O curso decorrerá nas instalações do CIFAG, entre as 9.30h e as 18.00h. No terceiro dia de cada módulo termina pelas 13 horas. No dia 22 de Junho terá lugar o jantar de encerramento.

### INFORMAÇÕES

CIFAG - Av. Júlio Dinis, 11 - Apartado 21315 - 1131 Lisboa Codex  
Telef.: 76 60 82/86 - Telex 14176 IPELIS P - Telefax 73 10 91

PRAZO LIMITE DE INSCRIÇÃO: 27 DE ABRIL 1989. O número de inscrições é limitado

Conservatória do Registo Comercial de LISBOA - Matr. n.º 57370  
Capital Social: 23 000 000 000\$00

### SENHOR EMPRESÁRIO

Somos o S.M.P. - Serviço Médico Permanente, Lda., e prestamos serviços médicos de urgência. Temos já alguns milhares de associados tanto individuais como através de EMPRESAS: (Bull); Enpetrol; E.T.C.; FCB Publicidade; Grupo Orey; Health Club Gemini; Hobbit Tivoli; Presselivre; Projornal; Quinta da Marinha; Refrige; Robert Bosch; Sojornal; Soporcel; Tabacuetra; Vasp, etc.) Estas Empresas reconhecem já as vantagens de dar uma regalia social complementar ao seu pessoal e constatarem as vantagens económicas dos nossos serviços.

### O QUE OFERECEMOS

- Garantia de assistência Médica Domiciliária a todos os trabalhadores e respectivo agregado familiar. Formos escolhidos pelo Hospital CRUZ VERMELHA PORTUGUESA para integrar o seu Plano de Saúde.

### SERVIÇOS BÁSICOS

- Assistência Médica Domiciliária Gratuita.
- Serviço de Enfermagem e Transporte ao Hospital Gratuitos.

### BENEFÍCIOS COMPLEMENTARES

- Consultas de Especialidades e Exames Complementares de Diagnóstico a preços beneficiados e com preferência de atendimento.
- Descontos em Unidades Hospitalares Privadas de Lisboa.

### ÁREAS DE ACTUAÇÃO

- Região de Lisboa e Grande Lisboa.

**SERVIÇO MÉDICO PERMANENTE COM RAPIDEZ E COMPETÊNCIA ONDE E QUANDO DE NÓS PRECISAR**

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

RUA TOMÁS RIBEIRO  
N.º 8 R/C ESQ.  
1000 LISBOA  
TLF. 560749/68/71



**SERVIÇO MÉDICO PERMANENTE, LDA.**

## Procurador propõe secção especial

O Procurador-Geral da República propôs ao Governo a criação, no âmbito da Polícia Judiciária, de uma secção especial destinada à investigação de grandes fraudes, apurou «O Jornal».

Se for efectivamente criado, a primeira investigação daquele departamento deverá incidir sobre os diversos serviços do Ministério da Saúde. A este departamento deverão ficar ligados alguns investigadores que participaram nas diligências relativas às irregularidades na utilização das verbas do Fundo Social Europeu.

# Governo desmente alterações à Lei de Imprensa

É falso que o Governo esteja a preparar alterações à Lei de Imprensa, e muito menos encare a possibilidade de vir a impedir a venda de jornais que publiquem documentos «secretos» — garantiu a «O Jornal» uma fonte do Executivo.

A mesma fonte considerou «pura especulação» o que, sobre a matéria, tem sido divulgado nos últimos dias, acrescentando que «seria um erro alterar a Lei de Imprensa em vésperas de uma campanha

eleitoral». «Se existe alguma iniciativa sobre a matéria no âmbito do Parlamento, desconheço. O que garanto é que o Governo não falou sobre o assunto, nem deu qualquer directiva nesse sentido ao grupo parlamentar do PSD», concluiu.

Segundo apurámos, não está excluída a hipótese de os sociais-democratas apresentarem uma proposta de alterações à Lei de Imprensa depois das eleições para o Parlamento Europeu, marcadas para 18 de Junho, mas «difícilmente isso se-

rá concretizado na presente legislatura».

Fontes socialistas garantiram-nos, por outro lado, que «o PS não aceitará qualquer negociação sobre alterações à Lei de Imprensa, mesmo em sede de revisão constitucional». As mesmas fontes admitiram, todavia, a existência de rumores sobre uma próxima tentativa com esse objectivo, por parte dos deputados do PSD.

L.F.

## De fonte segura

**Renovação** — Uma dupla directiva de peso foi já escolhida pela administração da **Renascença Gráfica** para a dinamização do vespertino «Diário de Lisboa», a emprender no próximo Outono: Mário Mesquita será o director e Diana Andringa a directora-adjunta do que se projecta venha a ser um «DL» renovado, na senda do jornal que chegou a ser feito nos anos finais da década de 60.

«**Cartoons**» — A **Fundação Cultural Portugal-Brasil** projecta promover, em Janeiro do próximo ano, uma exposição de desenhos dos mais cotados «cartoonistas» de ambos os países, para o que conta, desde já, com a colaboração da **Câmara Municipal de Oeiras**, que para o efeito oferece apoio logístico, num dos palácios que fazem parte do seu património. Dois dias de conferências e debates deverão complementar a iniciativa, a que «O Jornal» dá, desde já, o seu patrocínio.

**Acordo** — O ministro angolano das Finanças, **Augusto Teixeira de Matos**, enviou uma carta ao seu colega português dos Negócios Estrangeiros, **João de Deus Pinheiro**, congratulando-se pela actuação do Governo de Lisboa nas negociações conduzidas por Portugal nas Comunidades Europeias, em torno do plano de recuperação da economia de Angola. Na referida carta, o governante angolano dá o seu acordo à proposta das Comunidades.

**COEP** — Uma nova sigla vai entrar, em breve, no nosso já considerável universo de abreviaturas, ou acrónimos identificativos de instituições: trata-se da **COEP**, correspondente a **Confederação das Organizações Empresariais Portuguesas**. A fundação deverá ocorrer durante o II CAER (mais uma sigla... para Congresso das Associações Empresariais Regionais), a realizar entre 25 e 27 de Maio, em Montechoro (Algarve), à sombra tutelar da AIP (Associação Industrial Portuguesa) e do seu presidente, **Jorge Rocha de Matos**.

**Aniversário** — **Mário Soares** deslocar-se-á, na próxima sexta-feira, dia 21, ao Porto, para presidir, no **Palácio da Bolsa**, ao jantar comemorativo do 20º aniversário da **Maconde**, empresa líder na confecção de vestuário em Portugal. Na ocasião, o Presidente da República será acompanhado pelo vice-primeiro-ministro, **Eurico de Melo**, e pelo ministro da Indústria, **Mira Amaral**.

**Jovens** — **Jovens empresários** de nove países da CEE (Portugal, Espanha, França, Itália, Grécia, RFA, Holanda, Bélgica e Luxemburgo), além da Áustria, vão reunir-se, hoje, sexta-feira, no Porto, na sede da ANJE (Associação Nacional de Jovens Empresários). Objectivo do encontro: a constituição de uma Federação Europeia das Associações de Jovens Empresários, com sede em **Bruxelas**, a formalizar até ao fim do ano.

**FIEC** — Em maré de reuniões internacionais efectuadas em Portugal, Lisboa vai ser, igualmente, palco do próximo congresso da **Federação Internacional Europeia de Construção (FIEC)**, que trará à capital portuguesa, entre 8 e 10 de Junho, cerca de 400 participantes de 18 países, entre os quais os «Doze» da CEE. A organização estará a cargo da AECOPS e da AICCONP, ou seja, as associações de construtores do Sul e do Norte do país.

**Alqueva** — O lançamento do projecto do **Alqueva** encontra-se dependente de um estudo de avaliação global co-financiado pela Comissão das Comunidades Europeias e pelo Governo português. O estudo seguir-se-á à aprovação, em Bruxelas, do **Plano de Desenvolvimento Regional (PDR)** e ao consequente desbloqueamento das verbas postas à disposição de Portugal, nos próximos cinco anos.

**Audiências** — Regressada à antena há menos de um mês, a **TSF Rádio Jornal** possui já indícios seguros de que a sua audiência continua a ser bem destacada no pequeno universo das estações radiofónicas escutadas na região da Grande Lisboa. De acordo com um estudo da Markttest, referente às últimas duas semanas de Março, a **TSF** ocupa posição de relevo, com uma audiência de 14,9 por cento, apenas suplantada pela **Rádio Renascença (Canal 1)**, com 28,8 por cento e pela **Rádio Comercial (FM)**, com 18,5. Seguem-se a **RFM (11,7)**, a **Antena 1 (11,4)** e a **Onda Média da Rádio Comercial (9,8)**. Quanto à **Correio da Manhã-Rádio**, grande rival da **TSF** no recente concurso para atribuição de frequências, averba 5,7 por cento.

## ■ Fim-de-semana molhado

Vai ser algo chuvoso o fim-de-semana que se avizinha. Períodos de chuva e aguaceiros estão previstos, no Continente, para hoje, sexta-feira, amanhã e depois. A temperatura subirá alguns (poucos) pontos, hoje, mas, no domingo, vem por aí abaixo.

## Revisão Constitucional sem surpresas

Tudo indica que os trabalhos sobre a revisão da Constituição, iniciados esta semana na Assembleia da República, não vão passar de uma revisão da matéria dada. À excepção da oposição do PCP, de algumas discordâncias pontuais do CDS e do PRD e dos despiques entre António Vitorino e José Magalhães, os resultados das votações são, antecipadamente, conhecidos.

Apesar de tudo, os deputados vão gastar cinco semanas e 60 horas na discussão do pro-

cesso de revisão constitucional. Inconformados com o acordo PS/PSD, os comunistas e os seus «satélites» da Intervenção Democrática, têm procurado atingir os socialistas, responsabilizando-os pela «dessacralização» dos ideais revolucionários do 25 de Abril consagrados na Constituição.

Na sessão de ontem, quinta-feira, José Manuel Mendes, do PCP, contestou a escassez de tempo atribuído aos deputados para discutirem a matéria em causa. Aliás, nestes pri-

meiros dias dos trabalhos, os comunistas foram exímios no bloqueamento da discussão, encaminhando-a, quase sempre, para as questões «temporais».

Invocando a necessidade de distribuir documentação sobre os trabalhos da Comissão Parlamentar que acompanhou a revisão constitucional, devido ao pouco esclarecimento dos jornalistas e dos deputados sobre a matéria em discussão, os serviços da Assembleia inundaram as bancadas com quilos de

papel, provocando o riso entre os profissionais da comunicação social.

Este facto, uma temporária quebra de energia e as contantes interpelações à mesa quebraram a habitual rotina dos trabalhos parlamentares. Rui Machete, António Vitorino, Marques Júnior, Nogueira de Brito e José Magalhães foram, nestes primeiros dias de revisão Constitucional, os principais intérpretes de um jogo cujo resultado é conhecido há muito.

## Tengarrinha: PCP alicia os nossos autarcas

O PCP anda a aliciar os autarcas do MDP/CDE, nas nossas costas, para integrarem as listas do Partido Comunista, em vez de ter conosco um diálogo directo, semelhante ao que tem mantido com as outras forças da esquerda portuguesa», disse José Manuel Tengarrinha a «O Jornal».

A acusação vem na sequência, do encontro que o dirigente do MDP/CDE teve ontem,

quinta-feira, com Jorge Sampaio a convite deste, no qual se colocou a hipótese de colaboração com o PS nas eleições autárquicas.

Como referiu Tengarrinha a «O Jornal», «não há qualquer acordo com o PS, mas apenas a possibilidade de colaboração em algumas autarquias, podendo o MDP/CDE concorrer com outros partidos, noutros locais».

## Fundação Cuidar o Futuro



## Homenagem a Carlos Macedo

O ex-deputado e destacado dirigente do PSD, Carlos Macedo, cuja expulsão do partido foi conhecida na passada terça-feira, é homenageado na próxima quarta-feira por militantes do Partido Social-Democrata.

Os descontentes com a drástica decisão do Conselho de Jurisdição Nacional social-democrata convocaram um jantar de desagravo para com o ex-ministro dos Assuntos Sociais de Francisco Pinto Balsemão, o qual decorrerá no restaurante «Valenciana».

Apesar do clima de instabilidade que se vive no seio do PSD, fonte governamental adiantou a «O Jornal» que o partido não reagirá contra esta iniciativa.

## o jornal

Esta edição de «O Jornal» tem um total de 148 páginas e inclui «O Jornal Ilustrado» e os suplementos «O Jornal/Vinhos», «O Jornal da Economia» e «Autarquias», que não podem ser vendidos separadamente.

## Esteves e Louçã candidatos ao PE

Miguel Esteves Cardoso e Francisco Louçã são os cabeças de lista, respectivamente, do PPM e PSR, para o Parlamento Europeu. Esteves Cardoso, que já em 1987 tinha integrado a lista monárquica ao PE, é o primeiro elemento de um elenco que integra um «independente timorense».

A lista do PSR, liderada por Francisco Louçã, só ficará definitivamente completa na próxima semana, alinhando um vasto conjunto de independentes colocados por ordem alfabética.

## Lançamento de colecção sobre os Descobrimientos

Uma nova colecção, **De Cabo a Cabo**, inteiramente dedicada a editar entre nós obras fundamentais sobre os Descobrimientos Portugueses, co-editada por «O Jornal» e pela «Teorema», vai ser apresentada ao público na próxima quarta-feira, 19, pelas 18 horas, na Casa dos Bicos. Na oportunidade, serão lançados, com apresentação do prof. Luís de Albuquerque, os dois primeiros títulos da colecção: «Prelúdio ao Império», de Bailey W. Diffie, e «A expansão em Marrocos», de David Lopes.

DEPOIS DE TER VENDIDO, NA 3.ª FEIRA, DIA 4, O 2.º PRÉMIO DA 14.ª EXTRACÇÃO DA LOTARIA POPULAR, A

## CASA DA SORTE

Também vendeu, na semana finda, na Lotaria do Zodíaco-Carneiro, mais um

## PRÉMIO GRANDE

— TERCEIRO —

34 502

3 000 contos

\*

Na 6.ª feira, dia 21, Lotaria Comemorativa do

25 DE ABRIL

100 000 CONTOS

Bilhetes a 10.000\$00 e décimos a 1000\$00

\*

## CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MILIONÁRIOS

LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO